

V Colóquio *História e Arqueologia da América Indígena*

* 29 e 30 de outubro de 2008 *



Caderno de resumos e programação

Organização:
Centro de Estudos Mesoamericanos e Andinos da USP

Local:
Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
Universidade de São Paulo

Apoio:

Programa de Pós-graduação em História Social
Departamento de História



29 de outubro de 2008

9h00: ABERTURA (Sala de Vídeo)

9h15: PALESTRA

Religiosidad híbrida en Nueva España: Hombres-dios de Sierra Gorda, siglo XVIII

En la segunda mitad del siglo XVIII, ciertos pueblos de Sierra Gorda, región al centro de México, escenificaron una ritualidad en la que algunos indios fueron adorados como personificación del Dios Viejo y Cristo, uno de los cuales incluso se autonombró “Cristo Viejo”. Personajes que protagonizaron su propia versión de misas católicas en las que el agua, las tortillas de maíz, las mujeres, el peyote y la música jugaron un papel importante. Junto a esta ritualidad híbrida se desarrolló un movimiento autonomista opositor a la presencia de colonos, autoridades hispanas y curas. ¿Cuáles fueron los factores que permitieron el surgimiento de esa ritualidad?, ¿cómo funcionaron los mecanismos culturales que hicieron compatible el cristianismo y la religión nativa en la mentalidad indígena?, ¿qué elementos equipararon al Dios Viejo del Fuego con Cristo?, ¿qué relación guardó la religión con la construcción de una identidad local?

Gerardo Lara Cisneros (gerardolacis@hotmail.com) – Universidad Autónoma de Tamaulipas, México

10h30: MESA I (Sala de Vídeo) – O Tahuantinsuyu nas fontes arqueológicas e escritas – mediadora: Cristiana Bertazoni Martins

- *O feminino e o sagrado nas crônicas e na historiografia sobre o “império” inca*

Esta comunicação tem por objetivo apresentar os resultados de uma pesquisa de doutorado sobre as representações do feminino e o sagrado veiculadas nos discursos das origens e expansão do Tawantinsuyu. Nessa pesquisa se entrecruzaram dois objetivos: primeiro, a “desconstrução” das representações elaboradas no passado e no presente, revelando suas condições de produção, ou seja, o seu caráter histórico e seus mecanismos de construção; segundo, a procura de indícios nos discursos que nos permitissem vislumbrar outras possibilidades de existência para o humano e o sagrado na história, imagens que representassem uma ruptura com os esquemas que instituíram uma essência feminina/masculina e uma determinação biológica das identidades e papéis sociais. Esses indícios possibilitaram, ainda, o questionamento dos conceitos reificados de matriarcado e patriarcado que aparecem na historiografia sobre as origens e expansão do Tawantinsuyu, reduzindo o processo histórico a etapas universais.

Susane Rodrigues de Oliveira (susanero@gmail.com) – Faculdade Brasília e Instituto Superior de Educação Paulo Martins

- *Impressões acerca do Tahuantinsuyu na crônica de Francisco Xerez*

Com a conquista, em 1532 por Francisco Pizarro, do que hoje conhecemos por Peru, amplia-se a fronteira de além-mar da coroa espanhola. Muitos foram os que se aventuraram nessa viagem, em busca, principalmente, de fama e riqueza. Muitos também, foram os relatos deixados por esses homens, relatos esses, mais conhecidos pelo nome de crônicas. Entre os conquistadores estava Francisco de Xerez, o escrivão da expedição que culmina na tomada de Cajamarca, onde fizeram prisioneiro ao Inca Atahualpa e na conquista do Tahuantinsuyu, o “Império dos incas”. Nessa comunicação pretendemos analisar a crônica de Xerez denominada “Verdadera relación de la conquista del Perú”, que é uma das primeiras produzidas em território peruano, afim de verificar quais são as idéias que perpassam o imaginário do conquistador no momento da interpretação de um mundo e povos até então desconhecidos.

Tamara de Lima – (tatahist@yahoo.com.br) mestranda em História na Universidade Estadual Paulista/Franca

- ***Pumpu: uma cidade inca nas alturas de Junin e Pasco***

Localizado a mais de quatro mil metros de altura na serra central do Peru, Pumpu foi o principal centro administrativo incaico que permitiu o controle das populações alto-andinas como os Chinchaycochas e Yaros que viviam do pastoreio de camelídeos e semeia de batatas ao redor do Lago de Junin ou Chinchaycocha. Entre 1986 e 1990, fizemos levantamentos topográficos e escavações arqueológicas nessa cidade ou llajta, e os resultados dessa ampla pesquisa foram: a cidade foi planejada sob o desenho simbólico de uma alpaca; dividida em duas grandes áreas, a região hanan e a hurin. Ou seja, a parte da elite e do povo; estruturas quadrangulares abundam no primeiro setor e as circulares na segunda; foram empregadas milhares de rochas calcárias e talhadas em forma paralelepípedo; a cidade funcionou entre 1465 e 1532 d.C.; a estrutura central é o ushnu localizado na praça principal que tem a forma de pirâmide trunca; mais de 200 estruturas circulares foram construídos e alinhadas em duas filas para armazenar a produção local como o charque, lã, batata desidratada, tecidos e ferramentas de trabalho. Aliás, podemos perceber a existência de caminhos, pontes, ruas, wankas e kallankas perfeitamente harmonizadas. Após a queda do império Inca, a cidade foi abandonada e esquecida, hoje está submergida nas águas da hidrelétrica do rio Mantaro construído em 1995, usando as pedras dessa antiga estrutura.

Alfredo José Altamirano (Altamirano@pesquisador.cnpq.br) – Museu de Arqueologia de Búzios

- ***A luta sucessória no império incaico a partir das crônicas do século XVII: de Huayna Cápac até a chegada castelhana***

A pesquisa propõe uma nova interpretação das crônicas de Garcilaso de La Vega, Felipe Guamán Poma de Ayala e Juan Santa Cruz de Pachacuti pela discussão e análise comparativa dessas fontes do início do período colonial; especificamente relacionado à guerra entre Huascar e Atahualpa (1527-1533dC), pela sucessão do trono de Huayna Capac, Supa Inca do “Império” constituído na região andina. Leituras preliminares da bibliografia evidenciam lacunas na interpretação historiográfica com referência à representação do Tahuantinsuyu e seus protagonistas, no período mencionado. Os autores não detalham a história Inca por conta da pouca documentação escrita existente do período, tratando a luta sucessória sem aprofundar possíveis causas que poderiam ser mais bem explicadas por estudos da organização social e política desses povos. Pretende-se assim ampliar o conhecimento dessa fase, tanto pelo estudo das crônicas, como da organização política, com base arqueológica e etnográfica.

Marcio Luís Baúso de Figueiredo (marciofigueiredo3476@hotmail.com) – graduando em História na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

10h30: MESA II (Sala 14) – Patrimônio, educação e identidade étnica nos estudos arqueológicos, etnológicos e históricos no Brasil – mediador: Eduardo Natalino dos Santos

- ***Pesquisas arqueológicas na Zona da Mata Mineira. A arqueologia como formação de uma identidade***

As recentes descobertas arqueológicas realizadas na Zona da Mata Mineira nos mostram a riqueza da cultura e patrimônio material local, abrindo um leque de possibilidades de atuação e pesquisas, que atreladas a atividades de educação patrimonial e história oral permitem-nos lançar novo olhar sobre o passado e criar um novo ponto estratégico de estudo arqueológico no sudeste do Brasil. O Projeto Mapeamento Arqueológico e Cultural da Zona da Mata Mineira é o carro chefe das pesquisas realizadas atualmente pelo Museu de Arqueologia e Etnografia Americana da UFJF. Formado por uma equipe interdisciplinar e com colaborações diversas, tem como objetivo realizar um mapeamento arqueológico e cultural, estudando a participação do negro e do índio na formação da nossa sociedade, destacando sua relevância na cultura regional. As pesquisas procuram atender a uma eterna demanda pelas origens de identidade e raízes do nosso povoamento, sendo vital para isso o trabalho conjunto de diversas disciplinas.

Gabriela Fregonesi Prado (fregonesiprado@gmail.com) – graduada em Relações Internacionais pelo Centro Universitário Moura Lacerda e em História pela Universidade Federal de Ouro Preto

- ***Referências históricas sobre os Asurini do Xingu: um estudo bibliográfico e documental***

Os Asurini do Xingu são falantes de uma língua pertencente à família lingüística Tupi-Guarani, do tronco lingüístico Tupi. As primeiras informações sobre esta população indígena remontam ao século XIX. Seu local de ocupação mais antigo teria sido a região às margens do Bacajá de onde se deslocou devido às pressões dos extrativistas regionais e em função dos ataques das populações indígenas Kayapó. Teria, então, ocupado a região dos igarapés Piranhaquara e Ipiaçava onde, novamente, foi perseguida se deslocando, desta vez, para a região do igarapé Ipixuna. Ela permaneceu nesta região até ser expulsa pelos Araweté que para lá se deslocaram, por volta da década de sessenta. Deslocando-se novamente em direção ao igarapé Ipiaçava, a população Asurini procurou finalmente estabelecer o contato com os brancos a fim de escapar às investidas dos grupos inimigos. Assim em 1971, os Asurini do Xingu foram contatados oficialmente pela FUNAI.

Alexandre Robazzini (robazzini@gmail.com) – graduado em História pela Universidade de São Paulo

- ***Estudos de prospecção, escavação e educação patrimonial na APA das Onças, em São João do Tigre: a evolução cultural do homem pré-histórico nos sertões da Paraíba***

A APA das Onças localiza-se em São João do Tigre, no Cariri Paraibano. É a maior área de preservação ambiental do Estado, com 36 mil ha. Também a menos conhecida e estudada. A região é dotada de uma fauna e flora constituída por espécies endêmicas, como onças, macacos, etc., além de possuir mais de uma centena de sítios arqueológicos, muitos deles depredados. Identificamos na área ao menos quatro necrópoles indígenas, uma já escavada e dezenas de sítios rupestres em bom estado de conservação. Acreditamos que com a continuidade das pesquisas, especialmente escavações já programadas, possamos coletar material arqueológico suficiente para traçarmos o perfil cultural dos antigos habitantes da região, os índios Cariri, que tiveram contato com os colonizadores e foram extintos até o século XIX, restando poucas e incertas informações a cerca deles. Cabe-nos a realização dessas atividades para melhor conhecermos o processo de evolução cultural dos antigos habitantes dos sertões da Paraíba.

Juvandi de Souza Santos (juvandi@terra.com.br) – Doutorando em História/Arqueologia na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

- ***Aspectos da arte indígena da Capela de São Miguel Arcanjo***

A Capela de São Miguel Arcanjo localiza-se no alto de uma colina, de onde se avistava a várzea do rio Tietê, em São Miguel Paulista. Fundada pelos jesuítas a 18 de julho de 1622, conforme inscrição na porta principal, a capela foi centro de um aldeamento constituído majoritariamente por índios Carijó, transferidos da aldeia de Itaquaquecetuba. De arquitetura singular, dado o alpendre que ladeia a sua construção, a capela diferencia-se também pela qualidade e diversidade de suas manifestações artísticas. A mão-de-obra empregada na construção é, presumidamente, indígena, sob a supervisão dos jesuítas. Em muitos aspectos, entretanto, as obras divergem dos modelos jesuíticos da América portuguesa. Os entalhes em madeira do altar principal, do oratório e dos altares laterais revelam o domínio da técnica e formam composições originais, como as duas figuras femininas talhadas em jacarandá erguidas nas laterais da banca de comunhão. É digno de nota o sol ser representado três vezes no interior da capela. Pinturas com motivos florais, em tons de vermelho, verde e amarelo, nos remetem a padrões orientais e figuras de anjos apresentam compleição física ameríndia.

Glória Kok (kokmartins@uol.com.br) – pós-doutoranda no Centro de Pesquisa em Etnologia Indígena do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas

12h30 – 14h00: ALMOÇO

14h00: PALESTRA (Sala de Vídeo)

Um "grande medo" na Amazônia Colonial: a representação dos índios Mura no Diário do Ouvidor Sampaio
Abrangendo o período entre o mês de outubro de 1774 e o de fevereiro de 1775, o Diário de Viagem de Francisco Xavier Ribeiro de Sampaio (ouvidor e intendente da Capitania do Rio Negro) é uma das fontes

narrativas que permitem conhecer os modos de atuação das estruturas coloniais portuguesas junto às sociedades indígenas da Amazônia na segunda metade do século XVIII. Entretanto, sua notoriedade entre os estudiosos deve-se, antes, às notícias exageradas que forneceu sobre os índios Mura. Com esta comunicação, temos como objetivos verificar as conexões entre os aspectos reais e imaginárias presentes no discurso de Sampaio sobre os Mura e analisar as soluções que ele propôs para a problemática dessa etnia.

Auxiliomar Silva Ugarte (asugarte@bol.com.br) – Universidade Federal do Amazonas

15h15: MESA III (Sala de Vídeo) – Arqueologia, iconografia e cosmovisão na Mesoamérica e Andes – mediadora: Marcia Arcuri

- ***O felino na iconografia Mochica: análise dos padrões de estilização na cerâmica ritual***

Foram identificadas diversas ambigüidades e contradições acerca do significado semântico e da identificação de imagens tidas como de “felinos”, no trabalho de diversos pesquisadores da área andina. Essas contradições são constantemente acompanhadas por uma idéia de que as representações de felinos teriam um conjunto de significados comuns, presentes praticamente em todas as culturas pré-colombianas, desde o período pré-formativo. Este trabalho procura questionar essa idéia, demonstrando, através da sociedade mochica, que as representações de felinos que figuram em suas manifestações artístico-religiosas não correspondem a esta idéia de universalidade. Da mesma forma, serão discutidas as contradições presentes na bibliografia a fim de elucidar o papel do felino dentro do âmbito da cultura analisada. Será dada especial atenção ao fato de que, de forma geral, há uma identificação imediata de imagens de “mamíferos com presas à mostra”, às representações de felinos.

Cássia Rodrigues Bars (cassiabars@gmail.com) – mestranda em Arqueologia no Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo

- ***Chavin e Amazônia: uma aproximação iconográfica e mitológica***

Esta comunicação visa uma leitura alternativa da iconografia Chavin, aproximando-a da etnologia dos povos amazônicos. As esculturas Chavin retratam imagens que muitas vezes misturam atributos humanos e não-humanos, além de incluir elementos estrangeiros à fauna e flora locais. Será feita uma análise das imagens a partir da discussão da mitologia e cosmologia dos povos ameríndios, para tentar compreender o universo iconográfico da arte Chavin.

Gabriela Grabler Pen (gabrielapen@uol.com.br) – graduada em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo

- ***Amazônia Ocidental vista pelos Incas através de vasos cerimoniais (qeros)***

Através da análise iconográfica dos vasos Inca conhecidos como qeros percebe-se que a elite de Tahuantinsuyu fazia uso de tais vasos como um meio de comunicação e propaganda na intenção de disseminar uma determinada projeção/versão da história Inca. Um expressivo número de qeros retrata cenas de batalhas entre Incas e índios da Amazônia ocidental (ou Antis), repetidamente retratando a fauna e flora amazônica. Serão analisados detalhadamente alguns desses qeros na tentativa de melhor compreender as imagens do Antisuyu e seus habitantes que os Incas escolheram projetar através desses vasos cerimoniais.

Cristiana Bertazoni Martins (cristiana@ambjorn.com) – pós-doutoranda no Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo e bolsista FAPESP

- ***Mazatl: El venado en Guerrero, un acercamiento arqueozoológico***

Las relaciones hombre-fauna a través del tiempo es una interesante área de estudio ya que aporta datos sobre la cosmovisión, explotación de recursos naturales, practicas rituales etc., que llevaron acabo las civilizaciones pretéritas con los animales con quienes compartían su entorno, permitiendo así generar información para la reconstrucción histórica de estos pueblos mesoamericanos. El presente trabajo es un acercamiento para comprender la relación existente entre el hombre y un animal poco estudiado dentro del

âmbito antropológico, el venado, conocido como Mazatl entre los grupos de habla nahua, y que sin duda formó parte de la dieta de los grupos prehispánicos en el área que comprende el actual estado de Guerrero y que al estar presente hoy día nos sigue aportando datos para el estudio de la cosmovisión de los grupos que han habitado esta vasta región rica en recursos naturales. Abordare al venado principalmente a partir del posclásico y en la época del contacto con los europeos ya que es en este periodo en que las fuentes son numerosas tanto pictográficas, así como escritas en caracteres latinos o en lengua náhuatl; además de complementar esta información con el dato arqueológico obtenido en excavaciones en esta entidad federativa, finalmente se hará una breve mención en base a datos etnográficos, acerca de la explotación del venado por los pueblos que comprenden las diversas regiones del estado de Guerrero.

Eric Saloma García (venado_mixteco@yahoo.com.mx) – graduando em Arqueologia na Escuela Nacional de Antropología e Historia, México

17h15 – 17h30: CAFÉ

17h30: MESA IV (Sala de Vídeo) – Arqueologia, iconografia e cosmovisão na Mesoamérica e Andes – mediador: Alexandre Varella

- ***A cultura Ica-chincha da costa sul peruana através de sua cerâmica***

Sendo a cerâmica um excelente marcador cultural, pretende-se através dela estudar a cultura Ica-chincha, levantando alguns aspectos sócio-culturais. A cerâmica integra o acervo de peças arqueológicas da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. A Cultura Ica-chincha aparece logo após o término do Império Huari na costa sul peruana. Esta cultura desenvolveu-se precisamente nos vales mais extensos e importantes da costa sul peruana, os vales Ica e Chincha, dos quais toma seu nome. A arte Ica-chincha é principalmente conhecida por suas cerâmicas, influenciadas pela arte Huari. As cores e materiais usados nas cerâmicas Ica-chincha carregam uma longa tradição da costa sul. Através da análise do vaso é possível observar a presença de traços característicos da cerâmica de culturas anteriores com a permanência dos formatos geométricos e retilíneos, entretanto não se detém somente às tradições da costa sul peruana.

Elis Cândido de Vasconcelos (elisvasconcelos@yahoo.com.br) – graduanda em História na Universidade do Estado do Rio de Janeiro

- ***Música e dualidade nos Andes Centrais***

Os estudos mais recentes sobre música nas sociedades andinas têm empregado a interdisciplinaridade para tecer relações entre os instrumentos musicais arqueológicos, as crenças, os hábitos e a visão de mundo destes grupos, demonstrando uma diversidade de condições e maneiras de lidar com a música e a dança que os cronistas coloniais limitaram a mero acompanhamento de sacrifícios ou divertimentos. A relação dos instrumentos musicais aerófonos (flautas) com a dualidade e o quadripartismo, um dos conceitos mais debatidos no estudo das mentalidades do mundo andino e ameríndio em geral, pode ser notada em diversas fontes: na iconografia andina pré-inca das regiões costeiras, nas crônicas coloniais e nos dados etnográficos buscados diretamente nas regiões serranas. Nosso objetivo é mostrar como esta dualidade fica clara a partir da análise destas fontes e dos instrumentos musicais aerófonos representados nos vasos cerâmicos rituais.

Daniela La Chioma Silvestre (danilachioma@gmail.com) – mestranda em Arqueologia no Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo

- ***O sistema educacional mexicana no Códice Mendoza***

Podemos conferir a importância dada à educação na sociedade mexicana quando observamos o Códice Mendoza, um documento confeccionado quando os mexicanos já viviam sob o domínio político-administrativo espanhol, século XVI. Produzido por tlacuilos, escribas indígenas, que viviam sob os auspícios dos espanhóis, o Códice Mendoza nos serve como fonte de estudo para as mais diferentes áreas de interpretação da sociedade mexicana. Este trabalho abordará alguns aspectos da conduta disciplinar no sistema educacional mexicana evidentes no documento. A iconografia do Códice Mendoza combina duas

formas de linguagem: por um lado a tradição indígena se expressa nos pictóglifos e desenhos representados por meio de uma codificação própria, característica do universo autóctone; por outro, aparecem textos grafados em escrita alfabética, em nahuatl e em espanhol. O documento foi organizado em três partes. Na terceira, denominada “A vida cotidiana ano a ano”, notamos que os mexicas preocupam-se em demonstrar a importância das normas, da moral e da tradição, adquiridas desde a infância por meio da aprendizagem e da especialização técnica do trabalho. A educação das crianças mexicas iniciava-se no ambiente doméstico, mas era nas escolas oficiais que se transmitia a tradição, a disciplina e o aperfeiçoamento do indivíduo segundo a orientação do Estado.

Adriana Araujo Madeira (drixmadeira@yahoo.com.br) – mestranda em Arqueologia no Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo

- ***Tribos, Cacicados ou Estados? Evidências mesoamericanas, andinas e amazônicas sobre a configuração dual das chefias na organização social ameríndia.***

Este trabalho discute a configuração das chefias políticas e religiosas de algumas sociedades da Mesoamérica, dos Andes e da Amazônia Central no contexto pré-colombiano. Serão analisadas referências às forças duais e complementares do cosmo, como conceito norteador da organização social e das noções de chefia ameríndias. A partir de evidências arqueológicas, etnográficas e históricas, discutiremos como o pensamento ocidental, na figura dos missionários religiosos e demais colonizadores que escreveram sobre a América indígena nos séculos XVI e XVII, marcou uma trajetória na historiografia da América pré-colombiana que em muito se distanciou das noções autóctones de chefia política e religiosa.

Marcia Arcuri (pós-doutoranda no Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo e bolsista FAPESP)

* * *

30 de outubro de 2008

9h00: PALESTRA (Sala de Vídeo)

Os corpos no 'Popol Vuh', poema maia-quiché

Corpos inumanos, humanos e pós-humanos pululam no poema maia-quiché, que narra a origem do continente e do homem americanos. O barro, a madeira e o milho constituem os primeiros corpos, que se multiplicam e se espalham na Mesoamérica. A confusão entre corpo real e corpo irreal é motivo recorrente no poema, sobretudo nos episódios situados no inframundo, Xibalba. Saber olhar os corpos é essencial. A morte, finalmente, pressupõe a "prova do tato", que distinguirá o vivo do morto, numa das passagens cruciais do poema. Esses temas serão abordados na palestra.

Sérgio Medeiros (panambi@matrix.com.br) – Universidade Federal de Santa Catarina

10h15: MESA V (Sala de Vídeo) – Disputas políticas e memória histórica na Mesoamérica – mediadora: Cristiana Bertazoni Martins

- ***A permanência de Tlaxcala frente ao poderio mexica nos séculos XV e XVI***

O presente trabalho procura analisar as causas fundamentais que fizeram com que os tlaxcaltecas conseguissem permanecer como província autônoma até à chegada de Cortés, apesar das constantes investidas por parte da nação mexica. Vários pontos serão traçados levando em consideração os interesses religiosos, políticos e econômicos em relação às duas nações envolvidas. Para tal pesquisa, relatar a importância da guerra para a sociedade tlaxcalteca e mexica se mostra indispensável. Deste modo, além de analisar nuances relacionadas à autonomia dos tlaxcaltecas frente aos mexicas, o presente estudo descreverá o cotidiano de ambas as sociedades, enfocando como tema central a guerra, principalmente depois da formação e consolidação da Tríplice Aliança (século XV e XVI). Nossa intenção não consiste em

trabalhar a reconstituição da história dos conflitos entre tlaxcaltecas e mexicas, mas em verificar os pormenores que passam a relação entre essas duas nações.

Pablo Martins Bernardi Coelho (pablocoelho8@yahoo.com.br) – mestrando em História pela Universidade Estadual Paulista/Franca

- ***Invasão tolteca em Chichén Itzá? Uma nova leitura da questão a partir da cultura material das Terras Maias Baixas do Norte***

Uma das mais fascinantes problemáticas da Mesoamérica é a velha questão da chegada ou invasão de estrangeiros, provenientes das Terras Altas mexicanas, na Península do Yucatán, originando um processo de aculturação maia nesta região. Estes estrangeiros, identificados como toltecas, habitantes da distante cidade de Tula, no atual Estado mexicano de Hidalgo, portanto a mais de 1000 quilômetros de distância do Yucatán, teriam sido responsáveis pela conquista de Chichén Itzá, assumindo assim, o controle da política das Terras Baixas Maias durante o Pós-Clássico (1100 d.C.). Esta afirmação ainda predomina na Mesoamérica, uma vez que é corroborada pelas fontes etnohistóricas, onde abunda informação dessa possível aculturação maia. Um exemplo clássico é a fuga ou expulsão de Quetzalcóatl de Tula pelo seu rival Tezcatlipoca. O processo final dessa expulsão foi a fundação de Chichén Itzá por Quetzalcóatl, quem teria levado a “civilização” para o Yucatán. No entanto, as novas pesquisas arqueológicas que se vem realizando nas Terras Maias Baixas do Norte não confirmam a conquista de toltecas em Chichén Itzá. Muito pelo contrário, elas vêm demonstrando uma forte interação local e regional entre as cidades do Clássico Terminal e Pós-Clássico Inicial no Yucatán. Através da sistemática escavação que vem sendo realizada na Isla Cerritos, o mais importante porto comercial do Yucatán, controlado pela cidade de Chichén Itzá, se está demonstrando que esta cidade maia já estava totalmente edificada durante a suposta invasão dos habitantes de Tula. Nesta comunicação, apresentamos evidências arqueológicas da impossibilidade de uma efetiva invasão tolteca em Chichén Itzá e buscamos mostrar por que esta visão ainda predomina no discurso mesoamericano.

Alexandre Guida Navarro (altardesacrificios@yahoo.com.br) – pós-doutorando no Núcleo de Estudos Estratégicos da Unicamp e bolsista FAPESP

- ***Chicomoztoc, a origem dos povos nahuas na Historia Tolteca-Chichimeca e na Crónica Mexicayotl***

Em minha pesquisa, estudo duas fontes escritas por autores indígenas do Centro do México nos séculos XVI e XVII, a *História Tolteca-Chichimeca* e a *Crónica Mexicayotl*. O objetivo central do trabalho é analisar de que forma Chicomoztoc, lugar de origem dos distintos grupos indígenas, é representado ou descrito e qual sua importância no argumento geral da narrativa. O estudo dessas duas obras talvez permita mostrar que parte das transformações das culturas nativas diante da imposição da nova ordem colonial possa ser consequência de seu próprio dinamismo histórico e de interesses dos próprios índios. Assim, tais transformações não seriam, necessariamente, parte de um processo de perda e assimilação cultural dirigido exclusivamente pelos castelhanos. Pretendo apresentar os primeiros resultados do meu trabalho, que dizem respeito ao contexto de produção das obras e aos objetivos dos seus autores, além de tratar do lugar de Chicomoztoc nessas narrativas, para discutir qual a sua relevância.

Carla de Jesus Carbone (carlinhacarbone@yahoo.com.br) – graduanda em História na Universidade de São Paulo e bolsista CNPq

- ***A relação entre idades cosmogônicas e regiões cosmográficas no pensamento nahua dos séculos XV e XVI***

Para os nahuas do altiplano central mexicano, o mundo dividia-se em quatro regiões qualitativamente heterogêneas e que circundariam uma quinta, isto é, a região central. Para esses mesmos nahuas, a época atual havia sido precedida por outras idades, sendo que quatro são mencionadas frequentemente. Essa coincidência quantitativa entre idades cosmogônicas e regiões cosmográficas é evocada em textos pictográficos e alfabéticos produzidos pelos próprios nahuas, nos quais se estabelecem relações entre a série de regiões e a série de idades. Isso tem levado alguns estudiosos a proporem a existência de uma

correspondência única ou a procurarem a relação “correta” entre as duas séries. O objetivo da comunicação é mostrar que as fontes nahuas apresentam combinações variadas entre essas duas séries e que isso, antes do que a um “equivoco”, talvez se relacione às diferentes procedências e usos desses escritos ou ainda à existência de distintas escolas de pensamento ou tradições narrativas entre os nahuas.

Eduardo Natalino dos Santos (natalino@usp.br) – Universidade de São Paulo

10h15: MESA VI (Sala 14) – Estudos arqueológicos e etnológicos no Brasil: análise material e discursiva

– mediador: Auxiliomar Silva Ugarte

- ***A constituição do nome e da pessoa entre os Guarani Mbyá***

Os Guarani Mbya (subgrupo Guarani, família linguística Tupi-Guarani do Tronco Tupi) se notabilizam por apresentar uma marcada disjunção entre o tempo-espaco cosmológico e o tempo-espaco histórico, a qual permeia a totalidade do tecido social e, simultaneamente, é instituinte da auto e da hetero imagem guarani, configurando dialeticamente o ethos desse povo. A escolha dos nomes pessoais obedece a esse princípio, uma vez que os nomes provêm de regiões do cosmos (os ambá), cada uma das quais sendo o domínio de uma divindade. Cada grupo de nomes forma uma linha de descendência a partir dessa divindade. O objetivo desta comunicação é analisar a discursividade guarani, a partir das linhagens de nomes, verificando o modo como eles põem-se sob a determinação de duas heteronomias — a que emana dessa realidade cosmológica, e a que se vincula à realidade histórico-social —, bem como a relação intrínseca e heterônoma existente entre a escolha dos nomes guarani e o seu sistema cosmológico.

Luiz Carlos Borges (lcborges@mast.br) – Museu de Astronomia e Ciências Afins e Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

- ***A Cultura Tupinambá na Baixada Santista, Estado de São Paulo***

A cultura Tupinambá foi sempre muito bem descrita para a Baixada Santista pelas narrativas de colonizadores e cronistas dos séculos XVI e XVII. Recentemente, com o desenvolvimento do projeto “A Pré-História da Baixada Santista”, pudemos registrar os primeiros indícios arqueológicos da presença dos Tupinambá para esta região, mais especificamente no Vale Verde, Município de Cubatão. A área estudada encontra-se em zona de Mata Atlântica na base da Serra do Mar, à 300 m do Rio Cubatão, com aproximadamente 230.000 m². Em análise de superfície foram encontrados muitos fragmentos de cerâmica sendo classificadas como corrugada, unglada e de espigas, resultando em desenhos acanalados e incisos. Foram encontradas também peças cerâmicas inteiras, possivelmente utilitários cerimoniais. Não encontramos na região qualquer vestígio de estruturas coloniais, podendo reafirmar a identidade da cultura citada, sendo retificado o seu primeiro registro arqueológico para a região. Palavras-chave: Tupinambá, Tupiguarani, Cubatão, cerâmica.

Manoel Gonzalez (gonzalez@nupec.com.br) – Centro Regional de Pesquisas Arqueológicas, Santos

- ***Análise tecnológica do material lítico lascado encontrado na Serra Geral: sítio BA-RC-19***

O Projeto Serra Geral abrange uma parte do leste de Goiás e do sudoeste da Bahia, tendo sido trabalhado entre 1981 e 1985. Nessa área foram encontrados cerca de 40 sítios arqueológicos dos mais diferentes tipos (cerâmicos e líticos, em abrigo e a céu aberto), que apresentaram datações que vão de 700 AP a mais de 9.000 AP. Coletou-se grande quantidade de material, principalmente lítico lascado, que, naquela época, foi analisado sob uma ótica tipológica, dando-se maior ênfase à forma dos instrumentos acabados. O presente trabalho mostra uma nova análise desse material lascado, agora sob uma ótica tecnológica, voltada não só para entender como os objetos foram fabricados (através da percepção das cadeias operatórias), mas também como eles poderiam ter sido utilizados (através da análise dos esquemas funcionais), uma vez que esses dois esquemas (produção e utilização) não podem ser dissociados.

Paulo Jobim Campos Mello (Paulojobim@ucg.br) e equipe (**Juliana B. Ramalho, Diego T. Mendes e Cristiane L. Dantas**) – Universidade Católica de Goiás

12h00 – 13h30: ALMOÇO**13h30: PALESTRA (Sala de Vídeo)*****La semántica, el náhuatl y la larga duración***

El concepto de "núcleo duro" en la tradición mesoamericana, ha sido un lugar común para muchos (me incluyo). Alfredo López Austin, Miguel León Portilla, Gonzalo Aguirre Beltrán y Enrique Florescano, parten de un profundo conocimiento de la lengua náhuatl para proponer diversos y complejos sentidos a las palabras relacionadas con la religión y la cosmovisión. Caemos en la semántica. Mi plática se pregunta si el náhuatl contó con palabras suficientes para la transmisión de complejos conceptos religiosos a lo largo de cientos o miles de años que transcurrieron con el núcleo duro prácticamente intacto. También se pregunta si existieron otros recursos de la comunicación, como las imágenes y las metáforas para transmitir ideas generación tras generación. Recurrir a cierta metodología citando autoridades no siempre hace científico un estudio.

Rubén Morante López (rmorante@uv.mx) – Universidad Veracruzana, México

14h45: MESA VII (Sala de Vídeo) – Política, indigenismo e etnogênese na América atual – mediadora: Marcia Arcuri

- ***Indigenismo, regionalismo e nacionalismo nos Andes (Equador e Bolívia)***

A comunicação pretende discutir – sob uma perspectiva histórica - os novos espaços ocupados pelos discursos indigenistas na vida contemporânea dos países andinos, em particular Equador e Bolívia, e em que medida a reapropriação - sob novas bases – do passado dos povos indígenas, pode influir nos debates e rumos da História nacional e regional andina.

Everaldo de Oliveira Andrade (eoandrade@ung.br) – Universidade Guarulhos

- ***O temazcal: entre passado e presente e sua defesa pelo atual movimento de Ressurgimento Maia***

Em Guatemala, atualmente, está surgindo um fenômeno político e social relativamente novo, que se auto-define Ressurgimento Maia. Ao lado de reivindicações concentradas sobre uma maior representação e peso político, este movimento propõe-se a resgatar a cultura indígena, definida ancestral, e a oposição desta ao universo latino e, em geral, à cultura Ocidental. Praticamente, esta operação se concretiza com a elaboração de uma nova cosmovisão e em defesa das figuras que encarnam os valores e as práticas da tradição, ou seja, os terapeutas tradicionais e os mais recentes “guias espirituais”. Nossa comunicação tentará colocar em relevo o quanto alguns elementos culturais tradicionais usados durante o parto, e instrumentalmente defendidos pelas organizações indígenas para salvaguardar a identidade cultural Maia, mudaram seu significado no curso da história colonial e hoje são, muitas vezes, prejudiciais à saúde dos próprios indígenas. Estes elementos são o temazcal e a massagem pré e pós-natal (sobada).

Leda Peretti (lperetti@hotmail.com) – graduada pela Università di Roma II

- ***Notas sobre a “mística” zapatista: as histórias do Velho Antônio***

O principal objetivo desta comunicação é suscitar uma reflexão sobre as relações entre saber tradicional, religiosidade e cultura política entre as comunidades indígenas “neozapatistas” de Chiapas. Uma das melhores fontes para se acessar esse imaginário místico dos zapatistas são os contos do subcomandante Marcos conhecidos como relatos do Velho Antônio. O quanto de literatura e o quanto de realidade existem nesse personagem não podemos saber. O Velho Antônio é o fundador mítico do EZLN e a consciência rebelde da comunidade. Pela sua voz fala a sabedoria tradicional da cultura e linguagem dos atuais descendentes dos maias. A relação de Marcos com o velho índio faz lembrar a do antropólogo Carlos Castañeda com o xamã yaqui, Dom Juan. Marcos conta que o Velho Antônio foi um dos primeiros indígenas que aceitaram fazer contato com aquele suspeito grupo de barbudos que perambulavam em regiões agourentas da selva, onde segundo Marcos “só viviam animais selvagens, mortos e guerrilheiros”. Em 1984, os nativos acreditavam que os incipientes guerrilheiros eram bandidos, traficantes ou feiticeiros. Antônio foi o único que estabeleceu contato. E mais: pôs sua sabedoria e influência a serviço da rebelião.

Sebastião Leal Ferreira Vargas Netto (sebastiaoavargas@gmail.com) – (Universidade Estadual do Amazonas e Laboratório de Estudos da Intolerância da Universidade de São Paulo)

- ***Demografia e direito indígena nos 20 anos da Constituição Federal de 1988: Uma leitura a partir da realidade catarinense.***

Tendo por base dos dados demográficos da população indígena no Estado de Santa Catarina a partir do início do século XX, buscaremos demonstrar que o crescimento populacional está diretamente relacionado a mudança da legislação indigenista, especialmente com a aprovação do texto constitucional de 1988. Até a aprovação do atual texto constitucional eram apenas 3 (três) terras reconhecidas no estado, hoje são pelo menos 17 novas terras e mais a revisão dos limites nas terras já existentes. Essa mudança no quadro fundiário está intimamente relacionado ao aumento populacional, seja pelo crescimento vegetativo expressivo, seja pelo reconhecimento de comunidades e grupos ignorados pelas políticas públicas até então. Se o regime tutelar existente significava confinamento territorial e perda da identidade, a autonomia conquistada projetou para uma perspectiva de reconhecimento e cidadania.

Clovis Antonio Brighenti - (clovisbrighenti@hotmail.com) – doutorando em História pela Universidade do Estado de Santa Catarina

16h45 – 17h00: CAFÉ

17h00: MESA VIII (Sala de Vídeo) – Os índios na arte e memória contemporâneas – mediadora: Glória Kok

- ***A aplicação da iconografia dos povos indígenas do nordeste da Argentina (andina) na concepção artística contemporânea***

Desenvolve-se recentemente um esforço para a pesquisa das contribuições iconográficas indígenas argentinas. Estas atuações resultaram em trabalhos fundamentais para a compreensão da representação da simbologia, mitologia e as relações de conhecimento do habitat destes povos. Das três regiões estudadas: a do Noroeste, a Central e a dos Pampas- Patagônia; é a primeira que se considera mais rica por suas manifestações culturais. A região das serras, vales e montanhas foi habitada pelos: Quilmes, Tafí, Ciénaga, La Aguada, Diaguaita, Santa Maria, Belém, Sanagasta, entre outros. A complexidade antropológica e cultural foi inicialmente proporcionada pelo isolamento da conformação natural, acentuada pela presença ulterior de diversos povos, e encruada pela dominação inca ocorrida entre 1480 e início do século XVI e finalmente pela ação espanhola. O motivo final da presente pesquisa é focar no estudo e aplicação desta sistematização em artes plásticas realizada com objetivos antropológicos, para a gênese de uma metodologia multidisciplinar para a composição de obras artísticas orientadas pelo enfoque contemporâneo.

Roberto Righi (robrighi@mackenzie.com.br) – Universidade Presbiteriana Mackenzie

- ***A Emergência da memória indígena no mundo contemporâneo***

Os povos indígenas têm diferentes formas de expressão para dar a conhecer seus saberes/práticas, algumas culturas conseguiram desenvolver registros escritos que permitiram uma maior projeção e existência no tempo, porém, a principal forma tem sido a via oral, para a transmissão das informações entre os seus habitantes. Contudo, esta via de comunicação tem tido diversos inconvenientes, um deles é já não existir detentores daqueles saberes. Portanto, a memória tem passado a ocupar um papel destacado, o qual o demonstra estudos recentes sobre a recuperação e difusão, principalmente por entidades do âmbito acadêmico e do terceiro setor, dos saberes de algumas etnias sobreviventes.

Alejandra Aguilar Pinto (janah@123mail.cl) – doutoranda em Ciência de Informação na Universidade de Brasília

18h00: MESA IX (Sala de Vídeo) – Textos missionários coloniais sobre indígenas – mediador: Eduardo Natalino dos Santos

- ***Conversões cristãs da sabedoria indígena pelo frei Sahagún na Historia general de las cosas de Nueva España (séc. XVI)***

A proposta é demonstrar alguns impasses defrontados e artifícios utilizados pelo frei Sahagún na caracterização dos sábios indígenas ou tlamatinime. Quando o franciscano produz a *Historia general de las cosas de Nueva España* (entre 1575-80), procura adaptar à grade de vícios e virtudes da tradição medieval, informes locais sobre certas ocupações e profissões. Além disso, recompõe um mito da invenção da medicina, acomodando a sabedoria naua à visão cristã de ciência médica. Para observar estes meandros do discurso de Sahagún, comparamos a coluna de texto em espanhol, com a coluna em náhuatl dos chamados “informantes indígenas de Sahagún” – através de edição com tradução em inglês do chamado Códice Florentino. Note-se que os “informantes” expõem códigos culturais que não se coadunam com o teor buscado por Sahagún na versão em espanhol da *Historia*, pois no texto naua os denominados sábios estão imersos em atividades estigmatizadas pelo missionário como adivinhação e feitiçaria diabólicas.

Alexandre C. Varella (alevarell@yahoo.com) – doutorando em História Social na Universidade de São Paulo

- ***Idolatrias e superstições: o estatuto do selvagem em José de Acosta***

O surgimento da “América” no horizonte geográfico-antropológico europeu impõe o problema da compreensão do outro. Nesses quadros, a obra do jesuíta José de Acosta, que viveu em finais do século XVI, é interessante no sentido de recuperar alguns percursos da construção de um estatuto para os indígenas americanos. Sintetizador de formulações missionárias que o antecederam, Acosta faz uso de conceitos como “idolatria” e “superstição” no sentido de instaurar o “selvagem” americano dentro de uma humanidade estruturalmente igual (mas hierárquica, sob primazia do “civil” europeu). Assim, a partir do aporte metodológico proporcionado pela História das Religiões, pretende-se relevar algumas instituições conceituais que fundam a ação missionária em Acosta. Da mesma forma, a comunicação tem por objetivo apontar algumas instâncias de “negociação” simbólica (muitas vezes imprevistas) no âmbito da ação ritual do missionário, visto como um agente privilegiado nessa relação com a alteridade indígena.

Victor Santos Vigneron de La Jousselandière (victorvig@gmail.com) – graduado em História pela Universidade de São Paulo

- ***A Astrologia judiciária nos relatos missionários da Nova Espanha do século XVI***

A astrologia supersticiosa, ou judiciária, vertente do conhecimento astrológico vinculada à magia e aos agouros, foi condenada pela Igreja católica durante o período medieval e início dos tempos modernos. Em relação ao contexto epistemológico deste período a sintonia entre aristotelismo e astrologia fazia com que a rejeição desta última parecesse algo pouco científico. De acordo com as teorias aristotélicas o homem, como parte integrante do cosmos, não estaria imune à influência do comportamento dos astros, por isso, enquanto este sistema de pensamento foi aceito pelos homens dedicados ao conhecimento, encontramos análises e discussões sobre o saber astrológico em obras dedicadas ao estudo da Filosofia Natural. Neste trabalho, através da análise das Histórias missionárias produzidas na Nova Espanha do século XVI, a *Historia General de las cosas de Nueva España* do frei Bernardino de Sahagún, a *Historia Eclesiástica Indiana* do frei Gerónimo de Mendieta e a *Historia de los indios de la Nueva España* do frei Toríbio de Motolinia, buscamos compreender como o sistema calendário nahua foi descrito por seus autores e considerado, a partir de um referencial europeu, como astrologia judiciária.

Márcia Helena Alvim (marciaalvim@uol.com.br) – doutorada em Ensino e História das Ciências da Terra pela Universidade Estadual de Campinas

- ***Sahagún e o sentido das festas agrícolas Etzalcualiztli e Ochpaniztli***

Dentre os variados aspectos que frei Bernardino de Sahagún trata em sua conhecida crônica, *História General de las cosas de Nueva España*, um dos mais ricos e importantes são as detalhadas relações das festas das vintenas do calendário solar, ao qual dedica o todo o Segundo Livro de seu trabalho. As antigas festas mexica eram, expressão de sua cosmovisão, reflexo da hierarquia social e da ideologia política existente. Por esta razão, os rituais eram um dos aspectos daquela antiga cultura que mais lhe permitiram identificar as sobrevivências idolátricas, um dos seus principais objetivos como missionário. O objetivo deste trabalho é delinear uma análise do método estruturado por Sahagún para descrever as festas, o seu caminho de descrição. Entender o que estaria por trás do método descritivo que ele configurou para tratar dos rituais. Dentre as dezoito festas, trataremos especificamente de duas delas diretamente relacionadas ao ciclo agrícola, Etzalcualiztli e Ochpaniztli, pois os elementos às quais estão ligadas, chuva e milho respectivamente, remetem uma das mais importantes concepções no pensamento mesoamericano: a fertilidade.

Karen Alejandra Arriagada Valdivia (karenaav@hotmail.com) – mestrandia em Ciências da Religião na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

20h00: ENCERRAMENTO (Sala de Vídeo)

Comitê Organizador CEMA/USP (www.fflch.usp.br/cema)

Cristiana Bertazoni Martins (Museu de Arqueologia e Etnologia da USP)

Eduardo Natalino dos Santos (Depto. de História da FFLCH da USP)

Marcia Arcuri (Museu de Arqueologia e Etnologia da USP)

cema@usp.br